

Por que é que Montse Resiste à Escola? A marginalidade social subjectivamente questionada

Montse tem 15 anos. Representa claramente aquilo que no jargão educativo académico chamamos insucesso escolar, e aquilo que no jargão dos serviços sociais denominamos 'jovem em situação de risco social'. O quadro é completo em todos os seus ingredientes: família desestruturada, consumo de droga, comportamentos violentos, nenhum respeito pela autoridade... Sabemos que perante 'quadros' deste tipo a resposta institucional recorre ao psicólogo, ao assistente social, a todas as formas de adaptação educativa, a tudo aquilo que possa potenciar a atenção aos marginais ou marginalizados. Mas Montse não se considera em absoluto uma pessoa marginalizada ou marginal. Sente-se autónoma, livre, com perfeito controlo sobre a sua vida e sobre o que a rodeia. As suas atitudes transgridem não só o institucional, mas também as respostas tipificadas que a nossa sociedade oferece em casos de pessoas nessa situação. Transgride desde a recusa a qualquer aproximação que pretenda identificá-la como ser desvalido, necessitado, um tipo de respostas que se baseia no objectivo, e não no subjectivo. São respostas que fracassam porque só contemplam a marginalização 'objectiva' de Montse, e a trata como um ser marginal.

A rebeldia de Montse não é o produto de 'celebração' do trabalho manual, como faziam os rapazes de Willis, nem é o resultado de uma alienação feminina que a leve a esperar um 'príncipe encantado' que a salve da escola para lhe proporcionar uma vida digna de um filme, como sucedia no caso das raparigas estudadas por Angela McRobbie. A rebeldia de Montse surge e aparece a partir da forma como construiu os seus espaços de ócio, as suas relações sociais nesse espaço e a centralidade que lhe atribui como espaço central na construção da identidade. O ócio constituiu para Montse uma fonte inesgotável de recursos cujo uso e combinação lhe possibilitam vias alternativas de experimentação e lhe permitem escapar a todos os limites de materialização dos seus desejos mais enraizados. Montse dispõe de uma estrutura e morfologia de redes sociais de intercâmbio e consumo que são centrais na visão de si mesma.

E na construção desse espaço um componente central é a própria rebeldia, a própria resistência ao sistema. Não a partir de uma capacidade centrada no político, centrada na sua consciência de ser maltratada pela sociedade adulta. É uma rebeldia desprovida de ideologia, vazia de referentes que escapem ao puramente estético. Montse frequenta grupos de iguais de tipo fascista e ao mesmo tempo tem amigos *okupas* que militam no movimento anti-globalização. O úniconexo que há entre eles é que se opõem a formas institucionalizadas e pretendem subverter o sistema. Sente por eles uma atracção estética, não política, e nessa atracção constrói a base das suas múltiplas oposições e rebeldias.

- Tens amigos skins?

Os de antes, sim. Os actuais não, os de agora são mais de outro lado? são? não gostam dos fascistas, vamos lá...

Pois, pois, antes tinhas amigos fascistas?

Sim? bom? e continuo a ter, mas ? é que eu dou-me com toda a gente.

Sim. Mas como é que te sentes? Sentes-te mais próxima deles, em termos de ideias?

- Não, é que eu? para mim não me importa o que as pessoas pensam. Eu sou eu, eu penso o que penso e as pessoas são-me indiferentes.

- Mas tens amigos, por exemplo, amigos marroquinos, ou não?

- Sim, muitos, muitos. Gosto muito deles.

- ? Não tens nenhum problema com eles?

- Nada...

Do mesmo modo, a rebeldia de Montse coexiste perfeitamente com a sublimação através das compras oferecidas pelo *teenage market* ('não me verás nunca com nada do mercado em segunda mão?', diz-nos) e com o interesse pelos filmes românticos do mais puro estilo de Hollywood. As suas rebeldias não têm em absoluto que ver com formas de oposição ao capitalismo ou ao patriarcado.

Trata-se de uma rebeldia que tem como referente o estético e a forma de vida a seguir. É essa a base que lhe permite considerar a cultura escolar oficial como um espaço que só tem sentido como realidade desacreditada a provocar. A partir da assunção de que se trata de uma instituição que nada traz para as suas apostas vitais, Montse não opta pela passividade e pela indiferença, mas, antes, por utilizar a escola como um espaço codificado e institucionalizado onde pode materializar os seus desejos de oposição. É por isso que insulta, que provoca, que é frequentemente expulsa da escola. A oposição a qualquer conjunto normativo ou intento de disciplina é de facto um elemento central para reafirmar a sua experimentação no ócio e a sua identificação com uma cultura juvenil centrada na transgressão. Para Montse a transgressão não é um preço a pagar para poder viver plenamente a cultura juvenil. A transgressão é uma forma de *prazer*.

O prazer de transgredir, e a própria transgressão das formas de prazer, unem-se para dar plena coerência a uma

experimentação que os códigos institucionais só conseguem classificar como contraditória e problemática. E é nesta distância onde mais se evidencia a diferença entre um diagnóstico externo que convida a pensar em Montse como uma adolescente imersa na exclusão social, próxima do mundo da droga e com atitudes auto-destrutivas que lhe anulam qualquer futuro, e uma vivência pessoal da adolescência como momento de libertação, de *carpe diem*, de experimentação em todos os terrenos da cultura juvenil: uma leitura que se afasta de qualquer consideração de marginalidade. Montse não se vê a si mesma como uma jovem marginal ou marginalizada: os marginalizados, para ela, são aqueles que vivem enganados pela aceitação acrítica de instituições que prometem e muito poucas vezes cumprem as suas promessas.

O que é que falta à escola e a outras instituições sociais para entender que as leituras de Montse são internamente lúcidas? Não serão casos como os de Montse um convite para rever os nossos estereótipos sobre a cultura juvenil e os instrumentos tipificados de atenção àqueles jovens que classificamos com a etiqueta de 'risco'? Será possível, a partir de leituras adultocêntricas da realidade, compreender a complexidade das opções de vida de Montse? As perguntas são muitas e as respostas, infelizmente, muito escassas.